

O DIREITO AO GRITO EM *NUNCA ME SONHARAM*

THE RIGHT TO SCREAM IN "THEY NEVER DREAMED ME"

Maria Betânia PEREIRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
mbapereira@gmail.com

O burburinho de vozes característico do ambiente escolar e o som de uma sirene ressoam como um alerta para a entrada, em letras garrafais, do Artigo 205, da Constituição Federal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Assim inicia o documentário **Nunca me sonharam**, que tem como ponto central de discussão os jovens de escolas públicas do Ensino Médio, suas dúvidas, anseios e sonhos. Dirigido por Cacau Rhoden, com roteiro de Tete Cartaxo, André Finotti e Cacau Rodhen, o filme do ano de 2017, de aproximadamente 1h 20’, tem produção de Maria Farinha Filmes e pode ser baixado pela plataforma videocamp (<http://www.videocamp.com/pt/movies/nuncamesonharam>), desde que seja usado para fins educativos.

À cena introdutória juntam-se paisagens transitórias, movediças – mar, trem, porto, céu com pássaros – a câmera passeia pelos espaços onde a juventude se encontra e capta simbologias que remetem a fase de transição vivida pelos personagens protagonistas do documentário. Enquanto a fotografia do filme abre para o conjunto de imagens, algumas vozes surgem em off: “Eu quero ser uma adulta-criança-jovem-adolescente”; “Eu não queria ser jovem não. Queria passar direto para a fase adulta”; “Eu sou um defeito de fábrica”; “A única certeza que tenho é que um dia vou morrer”; “A partir do momento em que o sonho foi tirado de mim, aí eu desisti dele também”; “Eu quero que você saia do seu mundinho e cresça” ...Tais falas ecoam e ganham contornos de atos dialógicos à medida que ao longo do filme novas vozes tomam corpos, de maneira que o anonimato desaparece. Está formado assim o coro numa média de quase centenas de adolescentes e pós-adolescentes que expõem seus depoimentos do início ao fim do filme.

Embora gestores, professores, artistas, dentre outros, participem também como depoentes na cena fílmica, os jovens são os personagens principais. Não é de forma gratuita que a imagem inicial do documentário focaliza o artigo da Constituição

Federal. Em se tratando da educação como temática propulsora para o debate e considerando o desejo de fala dessa juventude, o Estado, a família e a sociedade ouvirão essas vozes? Para quem, para que e por que esses jovens falam?

A narrativa fílmica parece encaminhar para possíveis desdobramentos dessas questões nas sete partes que compõem o documentário: *Tempestade e trovão*; *A chave*; *Nunca me sonharam*; *Grades*; *Utopia*; *Orquestra*; *Tâmaras*. A primeira parte, “*Tempestade e trovão*”, aborda sobre o universo da adolescência, numa perspectiva de análise da psique, do ethos e coloca em cena o papel da educação na formação desse grupo. A escola figura como local de embate e espaço gerador de reflexões e, não raro, críticas contundentes como a do jovem de Goiânia, “Em momento algum dialogam com a gente, em momento algum chegam para perguntar o que vocês acham?” e da moça de São Paulo, de 16 anos, “a gente se assusta como vai ser mais pra frente e como a gente vai construir o nosso espaço e como a gente vai conseguir trabalhar sendo que já está faltando e quando vai melhorar? Quando vai chegar a nossa vez, entendeu? Será que vai ter pra nós ainda?”

A educação seria “a chave” – nome sugestivo da segunda parte do documentário - para abrir as portas do conhecimento e acesso para “mil outros direitos”, como ressalta o economista Ricardo Paes de Barros, em depoimento. Os discursos eloquentes dos jovens aludem aos problemas estruturais da educação no país, no entanto, reconhecem a importância que o ensino tem na vida deles, alguns citam ações de professores que influenciaram em suas formações, contribuindo assim para mudanças significativas. Para além das relações entre professor-aluno, o documentário amplia o debate quando acena para o compromisso que o Estado e a sociedade deveriam ter com a educação.

Nesse sentido, a terceira parte, “*Nunca me sonharam*”, que dá nome ao filme, instiga o espectador a pensar os (des)caminhos da educação no país e o quão danoso é o descuido em relação à formação dos jovens, aos seus protagonismos e à suas potencialidades. O debate se instaura no contexto das escolas públicas ao redor do país. Diretores de escolas se posicionam enunciando alguns dos problemas enfrentados no cotidiano escolar, analisam o papel social que a escola desempenha na vida dos alunos, como ressalta a professora Macaé Evaristo “mesmo a escola mais chata salva milhares de vidas no nosso país”. A Pedagoga Bernadete Gatti chama a atenção para os números quando afirma que a escola pública atende 82% das

crianças e jovens no Brasil. E o Professor e filósofo Renato Janine Ribeiro dá a dimensão de melhorias nesse quadro: ampliar o atendimento, melhorar a qualidade e abrir o caminho para a inovação. Dentre as exposições pontuais, o discurso do jovem de uma cidade do interior entoa como um grito que, de certa maneira, acolhe todos os pensamentos em análise, pelo teor da profundidade que a sua fala emana: “Como os meus pais não foram bem sucedidos na vida, eles também não me influenciavam, não me davam força para estudar. Achavam que quem entrava numa universidade era filho de rico; acho que eles não acreditavam que um pobre também pudesse ter conhecimento, pudesse ser inteligente, sabe? Para eles o máximo era terminar o Ensino Médio e arrumar emprego, trabalhar em roça, tipo vendedor ou alguma coisa do tipo. Acho que nunca me sonharam sendo um psicólogo, nunca me sonharam sendo um professor, nunca me sonharam sendo um médico. Eles não sonhavam e não me ensinaram a sonhar...”

O clamor desse depoimento faz pensar em problemas estruturais de base da sociedade brasileira que refletem na educação; poderíamos citar alguns: o círculo vicioso que sentencia a impossibilidade dos sonhos para as camadas menos favorecidas e a aprendizagem escolar necessariamente se resume a um certificado para a entrada rápida no mercado de trabalho; as experiências sociais do pobre serem desperdiçadas pelo fato de não possuírem o diploma e a conseqüente desvalorização de sua bagagem cultural; a universidade ainda vista como um *locus* privilegiado. Embora a fala do rapaz direcione o “nunca me sonharam” para os pais, poderíamos alargar essa compreensão para a sociedade e o Estado que, por vezes, nega os sonhos de toda uma juventude, a partir do momento em que não há a preocupação, o planejamento e sobretudo o investimento em políticas públicas para a educação como um todo.

Em “Grades” a discussão gira em torno do espaço físico das escolas públicas, muitas delas emolduradas no formato de presídios, o que alguns especialistas não concordam e atentam para a construção de um lugar aprazível para os alunos, onde eles possam se sentir acolhidos e que de fato sintam prazer em estar ali. Outro questionamento levantado é a forma como o currículo é organizado, a “grade” curricular impede a interseção entre as disciplinas, de forma que o discente não consegue na maioria das vezes estabelecer relações com os diversos conteúdos ensinados.

As partes “Utopia”, “Orquestra” e “Tâmaras” reforçam alguns estereótipos consagrados em filmes sobre a educação: professores e gestores comprometidos com o seu papel, cuja dedicação beira a atos heroicos, o que acaba reafirmando o lugar comum e perigoso de uma narrativa que enfatiza um peso muito grande sobre os profissionais abnegados, os únicos a solucionar as mazelas do sistema escolar. Contudo, alguns relatos de diretores de escolas, professores e alunos atestam a importância de uma escola pensada e construída em conjunto. Ao final do documentário, chama a atenção a imagem de uma manifestação em que participam alunos com faixas e cartazes. Não há identificação do protesto, mas pelo contexto do filme, pode-se deduzir que seja do ano de 2016, época em que as escolas públicas foram ocupadas pelos estudantes de norte a sul do país. Num desses cartazes a frase “Respeitem os estudantes”, metonimicamente, era o grito daqueles meninos e meninas naquele contexto. A parte de um todo: respeitar o estudante significa respeitar a escola; deixar que ela exista e, uma vez sendo pública, que faça bem o seu papel.

O documentário **Nunca me sonharam** coloca em cena os gritos dos jovens que soam inaudíveis nas formas e reformas do sistema educacional brasileiro. Essas juventudes continuam a vociferar por outros planos, novos rumos. O tempo delas é agora, e, tomando de empréstimo o termo de Boaventura, na expansão do presente. E expandir o presente significa não mais ficar na pendência de um futuro intangível, é necessário portanto caminhar na contramão de uma racionalidade arrogante.

Referências bibliográficas

Documentário **Nunca me sonharam**. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Maria Farinha Filmes, duração: 1h20', 2017. Disponível em <<http://www.videocamp.com/pt/movies/nuncamesonharam>>. Acesso em: 27/09/2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. 63, 2002. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/1285>>. Acesso em 20/11/2017.